"NINHO VAZIO": UMA COMPREENSÃO SOBRE O SOFRIMENTO DE PAIS COM A SAÍDA DOS FILHOS DE CASA A PARTIR DA TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA*

Larissa Conti Truppel Guedes**

RESUMO: Estudos sobre o momento de "ninho de vazio" sofrido por pais ainda se encontram escassos no Brasil e poucas pessoas conhecem sobre o que seja ninho vazio, onde os sujeitos afetados muitas vezes não sabem lidar com o fenômeno, e consequentemente, não buscam ajuda (PATIAS; FONTINEL; JAEGER; 2012). A presente pesquisa objetivou caracterizar os fenômenos relacionados à saída dos filhos de casa (ninho vazio) em referenciais teóricos fundamentais elaborados a partir da perspectiva sistêmica, uma vez que tal perspectiva é a que mais tem designado a presença de sofrimento de pais com a saída de filhos de casa como "ninho vazio". Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória, utilizando a base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), buscando-se referências que traziam menção ao ninho vazio com as palavras "ninho and vazio" nos descritores título, resumo ou assunto. Foi acessada essa plataforma por conter publicações de artigos da área de ciências da saúde, encontrando-se 8 artigos. Após uma busca nas referências dos 8 artigos, foram encontrados e selecionados mais 2 artigos e 3 livros que abordam sobre o período de saída dos filhos de casa e as decorrências manifestadas nesses pais. Depois desse primeiro levantamento, foram descartados 2 artigos, pois não tinham como ideia central o tema sobre a saída dos filhos de casa (ninho vazio). Ao final, restaram 8 artigos e 3 livros, materiais estes que possuem o objetivo de responder a pergunta de pesquisa. Através dos resultados foi possível perceber que a fase de saída do filho de casa representa uma mudança para todos os membros de um sistema. Tal mudança, implica no conceito denominado como "crise" por alguns autores para elucidar as modificações no sistema que acabam afetando os membros da família. Percebeu-se que mulheres sofrem mais do que homens, destaque que pode ser dado ao fato em razão do papel histórico e social impostas para essas mulheres ainda hoje. Foi possível compreender que alguns pais tiveram que ressignificar suas funções parentais com essa mudança no sistema familiar, sendo necessário que pais reestruturassem seus papéis conjugais. Foi possível ser conhecido também sobre alguns processos relacionados ao envelhecimento que embatem com o período de saída dos filhos de casa, gerando um sofrimento de maior gravidade. À vista disso, percebeu-se a necessidade de construir mais aparatos sobre esse sofrimento de pais com a saída dos filhos de casa, tendo-se uma maior discussão sobre a temática no Brasil.

---

[*] Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Unisul. 2021. Orientadora: Prof. Ana Maria Pereira Lopes, Dra.

[**] Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: contitruppellarissa@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Ninho Vazio, Família, Sistêmica.

1 INTRODUÇÃO

A família é considerada como um sistema dinâmico com papel importante na sociedade, sendo espaço para o desenvolvimento dos afetos, educação e integração dos membros dentro desse sistema (DIAS, 2011). Essa conotação integradora é também vista em Simionato e Oliveira (2003) que apontam, com base nos diversos modelos de família observados na contemporaneidade, a família como um sistema introduzido em uma multiplicidade de contextos, formada por sujeitos que compartilham valores e sentimentos, possuindo dinâmicas únicas com suas próprias especificidades.

Em uma perspectiva diferente da anterior, de acordo com Bruschini (2000), a família faz parte de um grupo social e é formada por sujeitos diferenciados por idade e gênero que se relacionam corriqueiramente, produzindo uma dinâmica e complexa trama de emoções. Não é uma totalidade de indivíduos, mas um conjunto vivo, cambiante e contraditório de pessoas com a sua própria personalidade e individualidade. A separação interna de papéis de cada membro familiar é capaz de ser a expressão de significativas relações de submissão e dominação, uma vez que configura uma posição de direitos, deveres e privilégios dentro do grupo (BRUSCHINI, 2000).

As recentes políticas públicas desenvolvidas pelos governos do país apresentam nitidamente o reconhecimento de que a família é seguramente, tanto o *lócus* para a ascensão de programas de promoção, cuidados aos cidadãos e atenção a eles, como a depositária de responsabilidades e expectativas de modo a prover as necessidades de cada família, dando mais atenção àquelas famílias que demandam maiores cuidados (CERVENY; BERTHOUD, 2009). No Brasil, a partir de 1988, a família passou a ganhar um significado novo, tendo destaque a independência de modos preestabelecidos no que diz respeito à idealização de uma "família padrão", além do recebimento por domínio da lei a prioridade pela garantia de proteção às famílias (CERVENY; BERTHOUD, 2009). Alguns exemplos são os idosos e crianças. Essas populações são consideradas, enquanto demandas que o Estado não consegue atender com frequência de maneira integral. Sendo assim, por domínio de lei, a família deve ser protegida em sua conjuntura econômica, além de receber e ser uma fonte de proteção social de cada membro familiar (CERVENY; BERTHOUD, 2009).

Na família tradicional extensa, formada por avós, tios, primos tinha, na Idade Média, a autoridade patriarcal predominante, sendo que a posição do pai era associada diretamente a uma

hierarquia formada na lógica dos antigos modos de produção, fazendo com que a mulher e os seus filhos legitimassem o poder autoritário do pai (AZEVEDO, 2015). Nessa família tradicional patriarcal e hierarquizada, o homem possuía um papel de mantenedor e provedor da organização familiar, enquanto a mulher era submissa ao marido, além de ser fadada ao papel de reprodutora em razão da sua estrutura biológica (AZEVEDO, 2015). Nessas famílias, por serem parte da família extensa, os avós eram figuras importantes, já que eles tinham memórias das suas gerações passadas e da genealogia, ainda que os idosos ocupassem muito mais um espaço na transmissão vívida dos valores familiares (AZEVEDO, 2015).

Entre os séculos XVI e XVII, ocorreram mudanças importantes na atitude da família para com a criança, sendo que a família foi se modificando fortemente na medida em que foi sendo transformados seus vínculos com a criança (ARIÈS, 1986). A criança passou a adquirir um lugar junto com seus pais em seu lar, dando então uma nova perspectiva sobre a família do século XVII como sua primordial característica, se distinguindo das antigas famílias medievais (ARIÈS, 1986). Nessa época, a afeição tornou-se fundamental entre os casais, pais e filhos, sendo que por esse motivo, a criança foi retirada da praça e da vida coletiva para que os pais cuidassem mais da criança (ARIÈS, 1986). Gradualmente, o valor social da linhagem mudou-se para a família conjugal, onde é preconizada a união de pais e filhos, firmando o modelo de família nuclear (ARIÈS, 1986). Passou-se a dar importância em demarcar semelhanças físicas entre pais e filhos, incluindo as situações de adoção (ARIÈS, 1986). Ademais, as crianças tornaram uma imagem importante para os pais, sendo que os pais ficaram responsáveis pela criação e educação dos filhos, além da ideia da família em assumir um papel espiritual e moral (ARIÈS, 1986).

Ao final do século XVIII, Badinter (1985) e Ariès (1986) observaram que o posicionamento de indiferença em relação à infância se alterou depois de um discurso pedagógico e econômico, sendo que esse discurso econômico indicava sobre a importância do aumento da população para a economia em um país. Ainda de acordo com Badinter (1985) e Ariès (1986), os economistas então atribuíram à criança como um valor mercantil e que dispunha um potencial para o crescimento da economia.

No final do século XVIII, a imagem da mulher, do homem e da criança tiveram significativas mudanças, o número de membros familiares foram reduzidos, distanciando-se da família extensa e abrindo lugar para a família nuclear com pais e filhos como integrantes (AZEVEDO, 2015). Além disso, a mulher recebeu poderes em relação à valorização da maternidade e sobre o instinto materno. A mulher seria o agente no envolvimento na prole e na mediação entre a criança, escola e nos cuidados médicos (AZEVEDO, 2015).

Avançando um pouco da história e mudando o cenário, no início do século XIX, os pobres em seu grande número, viviam junto com as famílias medievais e as crianças longe da casa dos seus pais (ARIÈS, 1986). A precocidade da idade de ingresso do trabalho, o casamento tardio e as dificuldades habitacionais, são fatores que tiveram obstáculos para a família burguesa, pois os sujeitos passaram a esquecer de sua origem burguesa e a viver de acordo ao modelo ideal de vivência familiar, por onde esse modelo foi sendo estendido por quase toda a sociedade (ARIÈS, 1986).

Para Bruschini (2000), ocorreu um tipo de isolamento da família nuclear, pelo fato de que os pais e filhos ainda dependentes, ocupavam, em sua maioria, uma habitação separada com de outros membros familiares como os pais dos pais. Esse isolamento da família moderna nuclear intensificou o papel da mãe, visto que ela não dispõe de ajuda dos parentes para os afazeres da casa, enquanto o seu marido trabalha fora de casa (BRUSCHINI, 2000). A família nuclear passa a ser considerada um modelo hegemônico para a sociedade e desse modo, se um dos parentes morassem junto com os cônjuges, como um primo, tio ou mãe de um dos cônjuges, essa condição causaria estranheza, pois esse arranjo é o contrário do que é aceito pela sociedade moderna (BRUSCHINI, 2000).

Avançando um pouco no tempo e partindo para as famílias especificamente no Brasil, Bruschini (2000) retrata que as mudanças ocorridas no século XIX foram sucedidas pela abolição da escravatura e imigração, advento da urbanização, início da industrialização, no qual provocaram a alteração da família extensa para o modelo conjugal (nuclear). Com isso, ocorreram algumas mudanças como: o ingresso da mulher no meio de trabalho, rompendo a divisão tradicional do trabalho; maior intimidade entre pais e filhos, ao mesmo tempo que se observa a diminuição das práticas de castigos corporais nos filhos (BRUSCHINI, 2000).

De acordo com Fonseca (2005), o conceito de família sempre se encontra em transformação. Contudo, uma vez que a sociedade brasileira contém dentro de sua organização social o modo nuclear de famílias, esta pesquisa propõe abordar a temática em que a saída de um dos membros dessa organização nuclear seja envolvida de sofrimento (FONSECA, 2005).

A presente pesquisa foi voltada para um fenômeno que ocorre nas famílias contemporâneas, quase sempre aquelas que apresentam a ideia de serem nucleares (pais e filhos). Em face dessa característica das famílias, há a possibilidade e o direcionamento para que em algum momento filhos saiam do grupo familiar buscando constituir vidas separadas ou até mesmo suas próprias famílias. Entende-se que esse acontecimento, que poderia ser visto como uma função da família em alcançar uma individuação de seus membros, também pode ser visto como conflitivas pela separação do meio familiar. Além disso, deve-se levar em

consideração que a cada ano ocorrem mudanças sociais sobre o conceito de família, onde se encontram novas configurações e modificações sobre o entendimento de famílias ao longo dos anos. Por isso, não é possível desconsiderar esse tópico, pois o entendimento que se tinha sobre famílias há séculos, não é o mesmo ao que se percebe hoje. Vejamos um pouco na localização, na perspectiva sistêmica, sobre o tal fenômeno denominado de ninho vazio, onde existem pais que sofrem com a saída dos filhos de casa, mesmo que hoje as configurações familiares estejam modificadas e cada vez mais tarde os filhos estão saindo da casa dos pais.

A partir da perspectiva sistêmica, existe um conceito comumente usado para designar os diferentes estágios que cada grupo familiar irá passar, chamado de ciclo vital da família ou ciclo de vida familiar (CARTER & MCGOLDRICK, 1995). Carter & McGoldrick (1995) indicaram os seguintes estágios experienciados por uma família, conforme a tabela a seguir:

Estágio de Ciclo de Vida Familiar	**Processo emocional de transição: princípios-chaves**	**Mudanças de segunda ordem no *status* familiar necessárias para se prosseguir desenvolvimentalmente**
1. Saindo de casa: jovens solteiros	Aceitar a responsabilidade emocional e financeira (eu).	a) Diferenciar-se da família; b) Desenvolver relacionamentos íntimos com adultos iguais; c) Estabelecer-se financeiramente.
2. O novo casal	Comprometimento com o novo sistema.	a) Formar sistema marital; b) Realinhar relacionamentos, incluir cônjuge.
3. Famílias com filhos pequenos	Aceitar novos membros no sistema.	a) Ajustar o sistema conjugal para criar espaço para os filhos; b) Unir-se nas tarefas de educação dos filhos, financeiras e domésticas; c) Incluir papéis de pais e avós.
4. Famílias com adolescentes	Aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e fragilidade dos avós.	a) Modificar o relacionamento com os filhos; b) Procurar novo foco nas questões conjugais e profissionais; c) Começar a mudança no sentido de cuidar a geração mais velha.
5. "Lançando" os filhos e seguindo em frente	Aceitar várias saídas e entradas no sistema familiar.	a) Renegociar o sistema conjugal como díade; b) Desenvolver relacionamento dos adultos e destes com os filhos; c) Realinhamento dos relacionamentos para incluir parentes por afinidade e netos; d) Lidar com a incapacidade e morte dos pais (avós).

6. Famílias no estágio tardio da vida	Aceitar a mudança dos papéis em cada geração.	a) Manter o funcionamento e interesses; próprios e/ou do casal em face do declínio biológico; b) Apoiar um papel mais central da geração do meio; c) Abrir espaço para a sabedoria dos idosos, apoiando-a sem superfuncionar por ela; d) Lidar com as perdas.

Fonte: Tabela adaptada do livro de Carter & McGoldrick (1995, p.17).

O ciclo de vida familiar permite observar os sintomas e as alterações no tocante ao desenvolvimento da família ao longo do tempo, pois o estresse familiar é habitualmente maior nos pontos de passagem de um estágio para outro no decorrer do processo evolutivo familiar, no qual os sintomas aparecem quando acontece um deslocamento ou interrupção em seu ciclo de vida familiar em prosseguimento (CARTER & MCGOLDRICK, 1995). Quando essa situação ocorre, é essencial conduzir os esforços terapêuticos, no sentido de auxiliar os membros familiares a se reorganizarem, fazendo com que o seu decurso prossiga desenvolvimentalmente (CARTER & MCGOLDRICK, 1995).

Carter & McGoldrick (1995) indicam tais ciclos não serem naturais ou imutáveis. Mas o ciclo de vida familiar engloba uma perspectiva desenvolvimentista, representando um modelo de classificação em etapas que demonstram a sequência previsível de cada etapa de vida dos sujeitos (RELVAS, 2000). O casamento, o nascimento de filhos, o ingresso dos filhos em uma escola, as dificuldades do período da adolescência do filho, a saída dos filhos de casa com a possibilidade de experiência do ninho vazio nos pais e a morte de um dos cônjuges, são alguns exemplos de vivências marcantes no qual fazem parte do ciclo de vida familiar, incluindo o percurso que a família nuclear também realiza nessas etapas de desenvolvimento (RELVAS, 2000). Destaca-se ainda que o ciclo de vida familiar tenha sido desenvolvido em um modelo de família nuclear (RELVAS, 2000). Há estudos como os de Fonseca (2005) que divergem dessa organização quando se volta para a família brasileira. Sendo assim, localiza-se tal fenômeno, como já dito, em torno daquelas famílias que se organizam em torno de uma família nuclearizada.

Semelhante às tarefas colocadas por Carter & McGoldrick (1995) sobre os ciclos de vida, no tocante ao relacionamento dos pais com o nascimento do primeiro filho em uma família nuclear, Minuchin (1982) aponta o termo *subsistema parental*, em que um novo grau de formação na família é alcançado com o nascimento do seu primeiro filho. A partir disso, o subsistema conjugal desses pais sofre alterações, de modo que os dois possam desempenhar as funções de socialização necessárias com a criança sem perder o apoio necessário entre o casal

(MINUCHIN, 1982). De maneira mais esclarecedora, enquanto a criança cresce, “o subsistema parental deve se adaptar aos novos fatores, que incidem sobre as tarefas de socialização” (MINUCHIN, 1982, p. 54). Em contrapartida, Minuchin (1982) pontua que o processo parental se distingue conforme a idade dos filhos, na medida em que, quando os filhos são adolescentes, poderá ocorrer exigências dos pais que divergem com a vontade dos filhos, sucedendo assim, um processo de paternidade complexa de acomodar mutuamente as exigências impostas para o filho. Quando os filhos começam a ter mais idade, poderão aceitar cada vez menos as regras e imposições dos seus pais, possuindo necessidade dos pais em nutrir, guiar e controlar os filhos quando necessário (MINUCHIN, 1982). Essa diferenciação que vai ocorrendo entre a atitude dos pais frente aos filhos, poderá resultar em condições para que os filhos saiam de casa e tomem seus rumos de acordo com as suas próprias vontades (MINUCHIN, 1982).

Em relação à fase de saída dos filhos de casa e a experiência para certos sistemas familiares, existem pais que apresentam muitas dificuldades, inclusive chegam a apresentar sofrimento em deixar os filhos “para o mundo”, o que é então descrito pela perspectiva sistêmica como *ninho vazio* ou *lançando os filhos no mundo* (WENDLING & WAGNER, 2014). De acordo com Barber (1989), o termo “ninho vazio” foi descrito por ele mesmo, referindo-se a uma fase entendida como o período em que o último filho sai de casa ou também quando ocorre o falecimento de um dos cônjuges. Barber (1989) fala que anos de 1900 a frequência do ninho vazio durava em cerca de dois anos ocorrendo na velhice de um casal, além de que as tendências daquela época foram se modificando, quando o número de filhos foi diminuindo na família e que resultaram em um momento de ninho vazio mais longo. O autor também reflete que os estudos sobre o ninho vazio precisariam ser longitudinais, pois apenas dessa maneira poderia ser possível elucidar a forma que acontece essa mudança para os pais (BARBER, 1989).

Além da utilização do termo “ninho vazio” por alguns autores que descrevem o sofrimento de pais com a saída dos filhos de casa, existe também a utilização do termo "síndrome do ninho vazio”, de modo a expressar que tal sofrimento é uma condição mais prolongada e até patológica por ser tratar de uma “síndrome” (SARTORI; ZILBERMAN, 2009). De acordo com Sartori e Zilberman (2009), a síndrome do ninho vazio seria um desconforto dos pais de cunho emocional ao verem os filhos saindo de casa, enquanto o ninho vazio é um período emocional neutro frente à mudança de papel desses pais.

Para Virgolino, *et al* (2013), o ninho vazio é uma questão não somente de caráter psíquico, mas que também é um episódio social, sendo que a sua incidência e a prevalência vêm sendo evidente no campo dos conhecimentos científicos, havendo a relação da condição do ninho

vazio com o sexo feminino. Para Pereira, *et al* (2019), as concepções sociais relativas à saída dos filhos de casa possuem relação com a incidência de intensificação de sintomas depressivos em mulheres, sendo explicados pela questão cultural de criação e cuidado ativo com filhos no qual atravessa mais mulheres do que homens.

Segundo Fleming (2005), observando a família através de um olhar sistêmico, a saída do filho de casa descreve uma "contração" de um sistema familiar, podendo resultar em uma reestruturação da dinâmica familiar, ocorrendo modificação da homeostase, sendo maior ou menor conforme a especificidade do processo da saída do filho de casa para esses pais. Fleming (2005) traz sobre uma compreensão relativa ao sofrimento de pais com a saída dos filhos de casa através das perspectivas psicanalíticas. Para a autora, em um contexto de separação pais-adolescente, nota-se a problemática de perda, envolvendo um processo de luto maturativo e normal, tanto nos pais quanto nos filhos, visto que o desenvolvimento desse filho adolescente "envolve as capacidades parentais para que eles próprios possam levar a cabo a separação dos seus descendentes" (FLEMING, 2005, p. 63). Além disso, o luto vivido nos pais também atribui a perda de uma parte da sua identidade parental, ou seja, a sua orientação geradora, mencionando o progresso para um significado de maior completude em suas vidas (FLEMING, 2005).

A saída dos filhos de casa de acordo com a teoria sistêmica, pode acontecer de diferentes maneiras, como uma viagem, um casamento, um novo trabalho em outra cidade, uma decisão de morar sozinho, um curso em outro país, entre outros (WENDLING; WAGNER, 2014). Enfim, são inumeráveis motivos que movem esse momento, necessitando que os pais encontrem uma nova forma de se relacionar com a situação para que os filhos adentrem no mundo adulto (WENDLING; WAGNER, 2014). Esse também é um período no qual são observadas mudanças que podem propiciar uma condição de gratificação, plenitude e crescimento para todos os membros da família; porém, é também capaz de ser uma fase de aumento de receios, conflitos, dificuldade no desenvolvimento familiar, individual na busca do sujeito pela independência (WENDLING; WAGNER, 2014).

De acordo com Santiago, *et al* (2020), o ninho vazio pode acometer tanto homem quanto mulher em graus diferentes, pois a singularidade e a personalidade de cada sujeito influem nesse processo. Deve ser salientado essa questão, ainda que diante de uma cultura vigorosamente determinada pelas ambições da conservação da dominância patriarcal, foi deduzido que somente as mulheres que poderiam demonstrar um afeto e suas sensibilidades emocionais, diferentemente do homem que deveria não demonstrar um sentimento e nem chorar (SANTIAGO, *et al,* 2020). Santiago, *et al* (2020) também pontuam que nas questões biológicas

e psicológicas e o compromisso das conexões entre o casal, tem-se também a probabilidade de desenvolver as relações entre os pais e seus filhos desgastadas e complicadas. Desse modo, os relacionamentos familiares podem ser abalados pelo contexto do ninho vazio, sendo capaz de comprometer ou romper o vínculo entre pais e filhos por um período de tempo curto ou longo (SANTIAGO, *et al,* 2020).

Mostra-se importante considerar o fenômeno do ninho vazio no enfoque sistêmico, ainda na situação em que a família apresenta sofrimento desse cunho, pois é enfatizada a alteração no sistema familiar, especialmente pela reorganização da comunicação dos membros familiares e a sua busca pelo equilíbrio desse sistema (FÉRES-CARNEIRO, 1996). Sendo assim, elege-se aqui como alvo de estudo compreender o chamado fenômeno do ninho vazio, relacionado ao que seja o seu sofrimento apresentado por alguns pais, a partir da bibliografia sobre a temática.

Diante desse contexto exposto, tem-se a seguinte pergunta de pesquisa: Qual é a compreensão sobre o sofrimento de pais com a saída dos filhos de casa (ninho vazio) na perspectiva sistêmica a partir de referenciais teóricos fundamentais da área?

Essa pesquisa se mostra relevante, pois estudos sobre o momento de "ninho de vazio" sofrido por pais ainda se encontram escassos no Brasil (PATIAS; FONTINEL; JAEGER; 2012) e poucas pessoas conhecem sobre o que seja *ninho vazio,* onde os sujeitos afetados muitas vezes não sabem lidar com o fenômeno, e consequentemente, não buscam ajuda (PATIAS; FONTINEL; JAEGER; 2012). Além disso, psicólogos e outros profissionais da saúde necessitam compreender sobre como os pais lidam com o *ninho vazio* (PATIAS, FONTINEL; JAEGER, 2012). De acordo com Costa, Bulhões e Nagashima (2020), nos cursos de psicologia e em outros cursos da área da saúde, o *ninho vazio* e o seu fenômeno são estudados. Na compreensão de Lahm-Vieira e Boeckel (2012), o tema sobre envelhecimento não recebe uma merecida atenção no campo da saúde, tendo-se necessidade de tencionar a promoção de saúde, dando exemplo ao fenômeno *ninho vazio* e a sua relação com o envelhecimento (LAHM-VIEIRA & BOECKEL, 2012). Gomes, Meis e Marques (2014) destacam intervenções no campo da psicologia com enfoque nas redes sociais das mulheres que estão em momento de ninho vazio, pois, de acordo com McGoldrick (1995), a fase de ninho vazio para mulheres de alguns segmentos sociais inclui um sofrimento físico e psicológico, à medida que as mulheres avançam de idade, apresentando necessidade de uma rede social para essas mulheres nesse estágio (MCGOLDRICK, 1995).

A fim de buscar subsídios para compor a relevância científica da presente pesquisa, foi realizada uma busca bibliográfica nas bases de dados de revistas científicas na plataforma BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) utilizando as seguintes palavras-chaves: *Ninho* and *Vazio* nos

campos de busca avançada em: *título, resumo e assunto.* Foram encontrados 23 artigos, sendo selecionados 8 artigos que trazem menção ao ninho vazio como centro de análise. Os demais 15 documentos descartados: 1 artigo é de outra língua; 1 artigo fala de outra temática que não tem relação com o tema; 5 documentos que não se referem a um artigo científico; 6 artigos duplicados; 1 artigo duplicado que se refere ao tema oposto ao do "ninho vazio", se referindo ao "ninho cheio". Um dos artigos selecionados indicaram que no estudo de Patias, Fontinel e Jaeger (2012), após a saída dos filhos de casa, os pais podem apresentar sentimentos de tristeza. Costa, Bulhões e Nagashima (2020), em seus estudos realizados com pais, mostraram diferentes tipos de sentimentos após a saída do filho de casa, tais como: tristeza, medo, angústia, insegurança, sofrimento, pânico, preocupação, o vazio, orgulho e alegria. Os autores também trazem que as mães sofriam mais que os pais, pela perda do seu papel de cuidadora dos filhos, sendo então explicado por elas terem essa função de cuidadora, na qual é imposta culturalmente pela sociedade e que ainda é vista hoje em dia (COSTA, BULHÕES & NAGASHIMA, 2020). Sartori e Zilberman (2009) trazem que o ninho vazio é cultural, onde em muitas culturas as mulheres dedicavam sua vida exclusivamente para a criação de seus filhos, apresentando dificuldades para se separar desse filho. Já para Carvalho-Barreto e Lima (2013), a saída dos filhos pode ocasionar em sentimentos de surpresa, como se os filhos nunca fossem um dia sair de casa (CARVALHO-BARRETO & LIMA, 2013). Em relação à vida do casal após a saída do filho de casa, Patias, Fontinel e Jaeger (2012) pontuam que ocorreu uma reorganização do casal entrevistado após a saída do filho de casa. Costa, Bulhões e Nagashima (2020) relataram que não ocorreu uma alteração significativa na vida dos casais depois que seus "ninhos" fossem "esvaziados" e crises no casamento manifestados em alguns casais, pelo motivo que algumas mulheres passam a ter disponibilidade em realizar planos pessoais que antes foram interrompidos pela maternidade (COSTA, BULHÕES & NAGASHIMA, 2020). Nos estudos de Carvalho-Barreto e Lima (2013, p. 190) foram relatadas mudanças na relação conjugal e parental. Outro ponto que Costa, Bulhões e Nagashima (2020) trouxeram é que muitos pais entram em processo de luto. Nos estudos de Baumgart e Santos (2009), pontuaram sobre os sintomas de algumas mães que coincidiriam em episódios depressivos.

Já sobre o envelhecimento, de acordo com Araújo, Paúl e Martins (2011), percebeu-se alterações na estrutura familiar. Para Carvalho-Barreto e Lima (2013), os pais notam que eles e os filhos estão envelhecendo, ainda que ocorram algumas escolhas que os pais fazem. Em sua busca pela literatura sobre os estudos sobre o fenômeno do ninho vazio, Sartori e Zilberman (2009) identificaram o contexto da solidão vivenciados por pais, sendo que a solidão é vivenciada por mais de um terço dos idosos.

Os 8 artigos selecionados partiram de uma compreensão sistêmica e de uma compreensão desenvolvimental, auxiliando nas discussões que abordem a compreensão sistêmica sobre este fenômeno, chegando próximos à pergunta de pesquisa. Além disso, esses artigos mostraram que existem muitos fenômenos e vivências distintas para cada grupo ou membro familiar, sendo que essa fase pode ser menos dolorida para alguns pais, e para outros pode ser uma fase delicada, tendo necessidade de um suporte psicológico e da rede social.

A partir desses 8 artigos, que deixam expostas as decorrências provocadas nos pais com a saída dos filhos de casa, a presente pesquisa procurou organizar conhecimento sobre a temática a partir desses 8 artigos e de referências indicadas nesses estudos, a fim de responder a seguinte pergunta de pesquisa: qual a compreensão sobre o sofrimento de pais com a saída dos filhos de casa (ninho vazio) na perspectiva sistêmica a partir de referenciais teóricos fundamentais da área?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

- Caracterizar os fenômenos relacionados à saída dos filhos de casa (ninho vazio) em referenciais teóricos fundamentais elaborados a partir da terapia familiar sistêmica.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar quais os conceitos teóricos da terapia familiar sistêmica que apoiam a compreensão de ninho vazio.
- Identificar as decorrências para os pais em face do ninho vazio com condição de sofrimento.
- Identificar como o exercício das funções parentais estão ligados ao processo de saída dos filhos de casa.
- Identificar como os processos de envelhecimento dos pais está envolvido na compreensão da saída dos filhos de casa.

2 MÉTODO

2.1 TIPO DE PESQUISA

De acordo com Gil (2002), uma pesquisa se define como um procedimento sistemático e racional, tendo o objetivo de possibilitar respostas de um determinado problema apresentado. A pesquisa é feita quando não se dispõe de informação suficiente que responde a um problema

ou quando também a informação disponível se mostra desconexo e desalinhado, não possuindo uma relação adequada ao problema em questão (GIL, 2002).

A presente pesquisa tratou-se de uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é elaborada com fundamento em material já constituído principalmente de artigos científicos e de livros, sendo boa parte dos estudos de natureza exploratória e podendo ser denominada como pesquisa bibliográfica. Além disso, pesquisas referentes a ideologias, tal como aquelas pesquisas que apresentam uma análise sobre diversas posições a respeito de um problema de pesquisa, e que também costumam ser produzidas em sua maior parte exclusivamente por meio de fontes bibliográficas (GIL, 2002). Dessa maneira, a pesquisa teve como enfoque nas buscas pelas respostas através da pergunta de pesquisa, procurando então responder qual é a compreensão sobre o sofrimento de pais com a saída dos filhos de casa (ninho vazio) na perspectiva sistêmica a partir de referenciais teóricos fundamentais da área.

Além disso, se trata de uma pesquisa exploratória, enquanto um tipo de pesquisa cujo objetivo é o de propiciar uma proximidade com o problema, com intenções de torná-lo mais compreensível ou para a construção de hipóteses, ou seja, essas pesquisas possui o objetivo de possibilitar o aprimoramento de ideais e na descoberta de intuições no pesquisador (GIL, 2002).

A pesquisa se caracterizou como natureza qualitativa, pois propõe responder a questões específicas, se preocupando com as ciências sociais, já que se mostra ter um nível de realidade que não é possível ser quantificado (MINAYO, 2002). Além disso, "a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas" (MINAYO, 2002, p. 22).

2.2 FONTES DE INFORMAÇÃO

A pesquisa teve como base inicial 8 artigos nacionais que foram encontrados na base de dados da plataforma BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) que traziam menção ao ninho vazio com as palavras *"ninho and vazio"* nos descritores *título, resumo e assunto*. Foi pesquisada nessa plataforma, pois por terem publicações de artigos da área de ciências da saúde, encontrou-se um maior número de artigos que discorrem sobre o tema desta presente pesquisa. E esses 8 artigos serviram como fonte para se buscar as bibliografias utilizadas. Após uma busca nas referências dos 8 artigos, foram encontrados e selecionados mais 2 artigos e 3 livros que abordam sobre o período de saída dos filhos de casa e as decorrências manifestadas nesses pais.

Depois desse primeiro levantamento, foram descartados 2 artigos, pois não tinham como ideia central o tema sobre a saída dos filhos de casa (ninho vazio). Esses dois artigos abordaram sobre esse conceito de forma breve, não tendo sustentação suficiente para a realização dos

próximos passos da organização e análise dos dados da pesquisa. Ao final, restaram 8 artigos e 2 livros nacionais e 1 livro internacional, materiais estes que possuem o objetivo de responder a pergunta desta presente pesquisa. Os artigos e livros são apresentados na tabela a seguir:

Identificação do artigo	**Título**	**Autores**	**Palavras-chave**	**Ano**
Artigo 1	Quando os filhos ficam em casa e o "ninho" fica vazio: a visão do casal sobre o fenômeno	Patias, Fontinel e Jaeger.	Família; ninho vazio; psicologia.	2012
Artigo 2	"Quando os pássaros voam: a família em momento de "ninho vazio"	Costa, Bulhões e Nagashima	Relações pais-filhos; enfermagem familiar; saúde mental.	2020
Artigo 3	Menopausa, ninho vazio e subjetividade feminina	Gomes, Meis e Marques	Subjetividade feminina; menopausa; ninho vazio	2014
Artigo 4	Transição da pós-parentalidade no contexto do sertão cearense	Carvalho Barreto, Lima	Pós-parentalidade;desenvolvimento familiar; psicologia da família; transição de vida; desenvolvimento normativo	2013
Artigo 5	Síndrome do ninho vazio temporária: possíveis considerações	Janaína Andréia da Rosa Baumgart, Diana Leonhardt dos Santos	Síndrome do ninho vazio; família; meia-idade; adolescência	2009
Artigo 6	Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio	Adriana Sartori, Monica Zilberman	Síndrome do ninho vazio; ninho vazio, pós-parental; meia-idade	2009
Artigo 7	Estilos de vida dos arranjos familiares DINC (dupla renda, nenhuma criança) *versus* ninho vazio	Iara Silva, Liliane Antunes Rohde	Estilos de vida, arranjos familiares, casais DINC, casais ninho vazio	2015

Artigo 8	O paradoxo do ninho vazio: relatos de mulheres em climatério em rodas de terapia comunitária	Elyssandra Jéssika Pereira dos Santos, Ívia Fabrine Farias Araújo, Estela Rodrigues Paiva Alves	Climatério, solidão, enfermagem	2018
Identificação do Livro	**Capítulo**	**Autores do Capítulo**	**Livro**	**Ano**
Livro 1	Visitando a fase madura	Adriana Leonidas de Oliveira, Ceneide Maria de Oliveira Cerveny	Visitando a família ao longo do ciclo vital	2002
Livro 2	A família em fase madura.	Adriana Carbone, Maria Renata Machado Coelho	Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa	1997
Livro 3	Lançando os filhos e seguindo em frente.	P.G McCullough e S.K Rutenberg	As mudanças no ciclo de vida familiar	1995

Fonte: quadro elaborado pela autora, 2021.

Algo que deve ser levado em consideração ao observar o quadro, concerne que os livros são mais antigos que os artigos, onde localiza-se um detalhe temporal, e com isso, deve-se considerar que o conteúdo e os resultados da pesquisa sofreram uma alteração de acordo com as questões sociais e culturais referentes ao entendimento sobre famílias e sobre o ninho vazio em uma determinada época.

2.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a realização do procedimento de coleta de dados e o registro deles, foi construído um ROTEIRO DE LEITURA DE REFERÊNCIAS, visando coleta dos materiais de maneira mais simples e visual contendo os objetivos específicos da pesquisa. Tal roteiro foi construído com base na concepção dos autores Lima e Mioto (2007), de modo que o preenchimento dos campos no roteiro podem ser reduzidos ou ampliados de acordo com a necessidade do pesquisador. Os autores também destacam:

> [...] o roteiro deve ser construído sempre em observância àquilo que pedem os objetivos definidos para o estudo, o que requer do pesquisador muita clareza quanto a

> eles, sendo que ao empreender reformulações deve necessariamente rever os campos que compõem o roteiro (LIMA; MIOTO, 2007, p. 42).

É possível visualizar o modelo do roteiro de leituras no quadro a seguir:

Artigo nº	
Título:	**Ano:**
Autor(es):	
Periódicos:	
RESULTADOS	
OBJETIVOS	**CATEGORIAS À POSTERIORI E ANÁLISES INICIAIS (RELAÇÕES COM TEORIA)**
Identificar quais os aportes teóricos que apoiam a compreensão de ninho vazio	
Identificar as decorrências para os pais em face do ninho vazio com condição de sofrimento	
Identificar como o exercício das funções parentais estão ligados ao processo de saída dos filhos de casa	
Identificar como os processos de envelhecimento dos pais está envolvido na compreensão da saída dos filhos de casa	

2.4 PROCEDIMENTO DE COLETA, ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram coletados e organizados em consonância com os objetivos específicos. Essa leitura teve como finalidade organizar os dados encontrados, os quais fossem ao encontro à resposta do problema da presente pesquisa. A partir da leitura, foram elaboradas categorias para efetuar a análise da presente pesquisa. Com base na visão de Gomes (2002, p. 70), indica que:

> As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em tomo de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa (GOMES, 2002, p. 70).

Tal quadro com as suas respectivas categorias são expostas abaixo:

OBJETIVOS DA PESQUISA	**CATEGORIAS CRIADAS**
Aportes teóricos para a compreensão do ninho vazio	Reorganização das relações entre pais e filhos em um sistema Circularidade Alinhamento de crises evolutivas Transição da fase do ciclo vital
Decorrências para os pais em face do ninho com condição de sofrimento	Sentimento de desrealização Ambivalência de sentimentos Desintegração familiar Sofrimento pelo ninho vazio mais intenso para o gênero feminino Baixa autoestima e uso de álcool Problemas clínicos e psicossomáticos Sintomas depressivos
Exercício das funções parentais no processo de saída dos filhos de casa	Ressignificação das identidades dos pais Reestruturação da conjugalidade Mudança dos vínculos entre pais e filhos Ausência de apoio emocional de um dos cônjuges
Processo de envelhecimento de pais envolvidos na fase de saída dos filhos de casa	Busca de rede social entre o casal Realização da vida do casal

Fonte: quadro elaborado pela autora, 2021.

Com a realização da coleta de dados, passou-se para a análise com caráter de pesquisa qualitativa, sendo que de acordo com Minayo (2002, p.80), sobre a análise qualitativa:

> Quando descrevemos dados de uma pesquisa, podemos fazê-lo a partir de um esquema de análise, que por sua vez já reflete uma certa interpretação. Como terceira observação destacamos que, quando falamos de análise qualitativa, estamos falando de um momento em que o pesquisador procura finalizar o seu trabalho, ancorando-se em todo o material coletado e articulando esse material aos propósitos de pesquisa e à sua fundamentação teórica. Nesse sentido, estamos nos referindo a uma etapa final do processo de investigação (MINAYO, 2002, p. 80).

Antes de iniciar a tarefa de análise, foi realizada a pré-análise com base nas categorias formuladas. Com isso, realizou-se a articulação teórica com cada categoria, articulação esta que possui uma base teórica inicial que relaciona com a categoria e o seu objetivo específico, de modo a facilitar no aprofundamento das discussões na produção de análise de dados. Após a escrita inicial das articulações iniciais, passou-se para a etapa da escrita da análise de dados, utilizando-se como recurso as articulações já desenvolvidas de cada categoria em consonância com as discussões da própria pesquisadora, de modo a fundamentar questões que pudessem

responder aos objetivos específicos. Sendo assim, os dados foram então analisados em consonância com fundamentos teóricos referentes ao que se propõe da pesquisa.

3. ANÁLISE

3.1 APORTES TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO NINHO VAZIO

A fim de iniciar a análise do material coletado na presente pesquisa, encadeando-se pelo primeiro objetivo, relativos aos aportes teóricos para a compreensão do ninho vazio, a primeira categoria a ser analisada é a presença de **Reorganização das relações entre pais e filhos em um sistema**. Tal categoria é encontrada no livro 2 (CARBONE; COELHO, 1997, p.116), que indica haver quando da saída dos filhos, correspondentes processos de transformação nas famílias como um sistema, pois:

> Na fase da maturidade, adultos, pais e filhos desenvolvem suas interações, organizam e desorganizam, integram e desintegram, constroem e desconstroem padrões, normas, regras, valores e crenças familiares. Preenchem as lacunas de seu desenvolvimento com fatos que se perpetuam intergeracionalmente, transmitidos pelas lealdades de vínculos, afetos e sangue (p. 166).

No livro 1 (OLIVEIRA; CERVENY, 2002, p. 93) tem-se também essa discussão relacionada à presente categoria, de modo que também indicam haver processos de transformações no sistema:

> A transformação da relação pais e filhos pode ser considerada o principal marco da transição da fase adolescente da família para a fase madura. Agora, pais e filhos, ambos vivenciando o período de maturidade, irão remodelar suas relações e, juntos, irão construir uma nova forma de compartilhar a vida (p. 93).

De acordo com Cacciacarro e Macedo (2018), o funcionamento e a organização de um sistema familiar representam os padrões de convívio no qual foram estabelecidos anteriormente entre as antigas gerações. Sendo assim, a família reestrutura e organiza seu exercício a partir das modificações que vão decorrendo no contexto do ciclo de vida individual e familiar, devido ao desenvolvimento pessoal e as suas transformações sociais que ocorrem dentro de um sistema familiar (CACCIACARRO; MACEDO, 2018). Alguns desses exemplos que explicam essas ocorrências são o nascimento dos filhos, casamento, entrada do filho na escola, a saída de casa, situações de morte, separação entre o casal, acidentes, doenças, desemprego, entre outros (CACCIACARRO; MACEDO, 2018).

Na compreensão sistêmica do que seja ninho vazio, tem-se os conceitos de circularidade e retroatividade. Com isso, criou-se a categoria **Circularidade**, a partir das explicações teóricas encontradas sobre o ninho vazio nas referências estudadas. Esses termos são mencionados no

artigo 2 (COSTA; BULHÕES; NAGASHIMA, 2020, p. 2),

> A contemporaneidade vem produzindo diversas configurações familiares, influenciando o desenvolvimento familiar e afetando em diferentes níveis os integrantes desse grupo. Ou seja, traz-se para a discussão os conceitos sistêmicos de circularidade e retroatividade, pois não é apenas a estrutura familiar que muda, mas também as funções de cada membro e, consequentemente, essa transformação também modifica a sociedade.

Os jovens estão saindo de casa mais tarde por conta de questões sociais financeiras que embatem hoje em dia. Consequentemente, é visto um menor número de pais que sofrem ou passam pela vivência da saída do filho de casa, fazendo com que essa modificação altere as diferentes famílias na sociedade. Mesmo assim, ainda existe uma parcela de pais que ainda passam pela fase de saída dos filhos de casa e que apresentam dificuldade frente a isso. Esse contexto descrito pode ser relacionado com o conceito de circularidade, pois esse pensamento se caracteriza como um evento ou parte de um determinado comportamento, no qual se encontram constantemente conectados de forma circular por muitos anos, apresentando tendência a contínuas repetições (RECH, 2005).

Foi também desenvolvida a categoria **Alinhamento de crises evolutivas**, como uma outra maneira de observar as mudanças na família, no qual implica no desenvolvimento dos membros familiares como aporte teórico para a compreensão de ninho vazio. No artigo 5 (BAUMGART; SANTOS, 2009), os autores discorrem sobre o pensamento de Cerveny e Berthoud (2002), que abordam que na época em que os filhos estão adolescentes, ocorre a abertura do ciclo pré-final dos pais, tendo a denominação de alinhamento de crises evolutivas e que justifica o ciclo de alterações desse sistema familiar.

Alguns autores designam o termo “crise” para elucidar as modificações no sistema que acabam afetando os membros da família (HORTA; FERNANDES, 2018). Na compreensão de Horta e Fernandes (2018), não é somente a estrutura familiar em si que altera, mas inclui-se também a olhar sobre as funções de cada membro na família e, a vista disso, essa modificação também transforma a sociedade. Frequentemente, essa ocorrência é entendida como uma crise, sendo percebido de modo diferente por cada membro da família, e que observando esses pais em momento de ninho vazio, é uma maneira deles manifestarem seu sofrimento frente a uma mudança no sistema (HORTA; FERNANDES, 2018). Mudança essa que afeta a homeostase no núcleo familiar, apresentando uma perda do equilíbrio, e que essa instabilidade quer sendo crônica ou passageira, causa desconto para os membros em diferentes intensidades (HORTA; FERNANDES, 2018).

Foi criada também a categoria **Transição da fase do ciclo vital**, a qual mostra diferentes

fases dos membros familiares, dando ênfase aos pais nesse processo de uma vida encadeada por ciclos e que depois serve nesses estudos como aportes para a compreensão do ninho vazio. No artigo 4 (CARVALHO-BARRETO; LIMA, 2013, p. 184) os autores pontuam que, “a transição da pós-parentalidade ocorre durante toda a fase adulta intermediária dos pais – estágio no qual a pessoa avalia os anos vividos e os que virão”. Já no livro 1 (OLIVEIRA; CERVENY, 2012, p. 114), as autoras trazem sobre os rituais familiares que podem modificar conforme as mudanças que a família encontra, como a saída do filho de casa. Porém, antes de dar prosseguimento à análise, ainda que hoje ocorra reuniões e rituais em família após a saída dos filhos de casa, é importante levar em consideração que hoje, com a atual era da tecnologia e de redes sociais, muitas famílias ainda se "reúnem", mas demonstram que os membros possuem preferência por utilizar o celular e não ter interação com os familiares. Segue abaixo a compreensão das autoras Oliveira e Cerveny (2012, p. 114):

> Assim, ao mesmo tempo em que a família busca ajustar-se às suas novas características, mudando rituais e mudando a rotina da casa, uma vez que os filhos adultos possuem seus respectivos compromissos e horários, diferentes grupos de amigos e de interesse (além dos filhos que se casaram e que devem também participar dos rituais da família do cônjuge), sente também a necessidade de manter certas tradições, que parecem dar-lhe identidade, tais como: comemorar o natal, comemorar aniversários, fazer pelo menos uma refeição juntos, entre outros (p. 114).

De acordo com Dessen e Silva (2000), é necessário conhecer os diferentes níveis de implicação de cada membro familiar, pois cada membro é capaz de fornecer as suas próprias construções para a família no decurso de seu desenvolvimento. Para que seja possível compreender o desenvolvimento de cada indivíduo em suas variadas etapas do ciclo vital ao longo das gerações, deve-se entender o desenvolvimento familiar em um todo (DESSEN; SILVA, 2000). Com isso, abre-se a indagação de que o ninho vazio poderia fazer parte de uma crise evolutiva, distanciando-se da ideia de patologia, ou somente de um conjunto de decorrências que os pais possam enfrentar nesse momento. A vista disso, muitos pais sofrem com a saída dos filhos de casa justamente por conta da compressão que eles possuem sobre a parentalidade, além de outros obstáculos que estão vivenciando no mesmo período da saída dos filhos, tendo outros obstáculos familiares.

Neste capítulo, pode-se perceber que a abordagem teórica sobre o que seja a fase de saída do filho de casa está calcada em compreensão da mudança para todos os membros de um sistema. Tal mudança, implica no conceito denominado como “crise” por alguns autores, ocorrendo o processo de reestruturação do sistema familiar. A crise poderá ocorrer em diferentes intensidades, dependendo do funcionamento familiar, onde a família procurará buscar por um equilíbrio para que aconteça essa reestruturação. Não foram encontradas muitas

referências que debatessem sobre a relação entre o ninho vazio e a crise em sua perspectiva individual. Sendo assim, existe a necessidade de maiores discussões e debates sobre a relação entre esses temas, pois essa alteração pode fazer parte de uma mudança evolutiva nesses pais, internamente a um sistema, podendo existir outros obstáculos relacionais que se colocam juntamente um novo tipo de relação com os filhos com a sua saída de casa.

3.2 DECORRÊNCIAS PARA OS PAIS EM FACE DO NINHO VAZIO COM CONDIÇÃO DE SOFRIMENTO

Dando prosseguimento na análise, dar-se-á destaque agora ao que fora encontrado sobre os sentimentos vivenciados pelos pais nas referências estudadas acerca da temática do ninho vazio. A primeira categoria a ser analisada nesse segundo objetivo é a presença de **Sentimento de desrealização** diante da saída dos filhos de casa. Como pode ser visto no artigo 6 (SARTORI; ZILBERMAN, 2009, p. 114), com base nos apontamentos feitos pelos estudos de Li-Juan Liu e Qiang Guo, o fenômeno se associa comumentemente a "[...] problemas psicológicos e sentimentos de insatisfação. Para eles, esses achados enfatizam a importância da saúde mental como determinante da satisfação com a vida durante o ninho vazio". Já no livro 3 (MCCULLOUGH; RUTENBERG, 1995, p. 258) sobre essa mesma categoria:

> Os problemas da geração do meio em ajustar-se ao estado casado da nova geração pode variar de um extremo da excessiva interferência até o outro extremo, em que existe o sentimento de que os filhos não precisam mais deles, que passam a sentir-se supérfluos, indesejados ou deslocados (p. 258).

O Sentimento de desrealização pode estar relacionado à perda do papel dos pais, quando não se veem mais com o papel de cuidadores dos filhos. Além disso, com essa perda de função parental, os pais podem se encontrar perdidos, manifestando a sensação de que as suas vidas ficaram sem sentido e sem rumo depois da saída dos filhos de casa. De acordo com Coutinho (2004), a função parental, dando ênfase no papel das mães, por conta desse papel que lhe és conferido, as mães passam a crer que elas conseguem exercer diversas tarefas e exigências relativas à função parental.

Dando sequência, outro sentimento encontrado entre os pais pode ser aquele representado pelo sentimento de dúvida e divisão que os pais vivenciam. Tal condição pode ser exemplificada pela categoria descrita como **Ambivalência de sentimentos.** Essa categoria pode ser visualizada através das autoras do livro 1 (OLIVEIRA; CERVENY, 2002, p. 96), que descrevem que "os pais podem ser ver impactados com a nova realidade, sentindo-se com um choque. A alegria, pelo orgulho e satisfação de ver o filho agora autônomo, pode também vir acompanhada de sofrimento e uma sensação de perda".

Cada pai e mãe vivencia essa fase de diferentes formas, quando alguns aspectos influenciam esses sentimentos, dando significados ao que eles atribuem à parentalidade; o momento que eles próprios saíram de casa e tomaram seus rumos; se os pais já se preparam para esse momento da saída do filho, a intensidade que eles assumem os papéis parentais frente a criação e de cuidados ao filho, entre outros fatores. O processo de construção da parentalidade desses pais desde as suas infâncias também é um dos aspectos que influenciam no sentimento dos pais com a saída dos filhos de casa. De acordo com Zornig (2010), antes mesmo da criança nascer, os pais demandam um desejo de ter um filho e que esse desejo, reatualiza as fantasias que tiveram na sua própria infância e do modo que obtiveram cuidados de seus pais.

Continuando a abordar sentimentos vivenciados pelos pais nas referências estudadas, pode ser encontrado que muitos pais, nesse momento de saída dos filhos de casa, passam a se sentir perdidos e desintegrados na família. Com isso, gerou-se a categoria **Desintegração familiar**. Sobre isso, as autoras do livro 1 (OLIVEIRA; CERVENY, 2002, p. 98) discorrem que para alguns pais esse processo de adaptação é mais gradativo, já para outros, "a adaptação é mais lenta, assim, a sensação de vazio e a sensação de desintegração da família pode ser mais intensa". Já as autoras do livro 2 (CARBONE; COELHO, 1997, p. 105) apontam conteúdos que acrescentam a essa categoria, que por meio do estudo de Tania Salem:

> A individualização de um filho e sua saída de casa, mesmo que inevitáveis, consentidas e necessárias, são sentidas pelos pais como uma perda, não só numérica mas também emocional, ainda que compensada pelo estabelecimento de alianças com novas famílias (p. 105).

Em algum momento da vida, é natural que o filho saia de casa para viver em outro país, cursar uma faculdade em outra cidade ou porque se casa (AOYAMA, *et al*, 2019). Essa nova fase da vida poderia ser comemorada pelos pais, mas isso nem sempre acontece, podendo virar um pesadelo (AOYAMA, *et al*, 2019). Devido aos pais não conseguirem ligar com isso, o sentimento de saudade ganha proporções prejudiciais para a saúde física e mental desses pais (AOYAMA, *et al*, 2019).

Em relação ao fenômeno do ninho vazio, percebeu-se com base na literatura científica, a predominância do gênero feminino ligado ao sofrimento com a saída dos filhos de casa. Com isso criou-se a categoria **Sofrimento pelo ninho vazio mais intenso para o gênero feminino.** No artigo 2 (COSTA; BULHÕES; NAGASHIMA, 2020, p. 7), os autores discorrem sobre essa ocorrência, indicando que as "mulheres que dedicaram a maior parte das suas vidas à criação dos filhos, de modo exclusivo, sofrem ao vê-los partindo, gerando para si um autoconceito de "impotência". No artigo 7 (SILVA; ROHDE, 2018, p. 148), "as mulheres tendem a sofrer mais,

algumas entram em depressão, se sentem inúteis, porque normalmente assumiam os cuidados do filho".

Ainda que o conceito e a percepção sobre a família se modifiquem constantemente com novas configurações familiares e com a entrada dos movimentos feministas; ainda hoje, encontra-se em alguns sistemas a ideia de que a mulher deve ter o papel central de cuidadora dos filhos e que o pai possui a função de prover os custos financeiros da família. Com a saída do filho de casa, a mulher passa a refletir o seu papel de mãe e de mulher, construindo novas possibilidades e reescrevendo seu próprio futuro, pois é um período de muitas mudanças e que acaba repercutindo no seu presente e nos seus planos futuros. Essa representação que a mulher entende sobre o papel de mãe, faz parte de uma condição social, além da vivência pessoal desde criança, como já visto anteriormente. A maternidade sempre foi compreendida como algo que toda mulher nasce pronta para ser mãe e para cuidar do filho, além de que as experiências de cuidado ao filho são passadas de geração a geração (BEZERRA, 2018). Através de um imaginário coletivo, a maternidade é entendida como algo sublime e romantizada, afastando cada vez mais da nova realidade que a mulher vivencia hoje (BEZERRA, 2018). Por isso, muitas mães após a maternidade, passam a esquecer de olhar para si, por conta da grande demanda que ela recebe, pois o homem não teria esse papel de oferecer cuidados ao filho, inclusive essa ideia de que a mulher deve viver somente para os filhos.

É notável a presença de baixa autoestima e o consumo de álcool por alguns pais encontrados nas literaturas pesquisadas. Sendo assim, foi criada a categoria **Baixa autoestima e uso de álcool,** podendo ser visto naquilo que os autores do artigo 4 (CARVALHO-BARRETO; LIMA, 2013, p. 183) indicam sobre alguns sentimentos e comportamentos frente ao sofrimento com a saída dos filhos de casa.

Na condição de baixa autoestima, os pais passam a ter o desafio de olhar para eles mesmos, pois alguns pais tinham somente o olhar para criação dos filhos e acabaram se esquecendo de olharem para si. No que diz respeito ao uso de álcool, esta conduta é uma das formas de enfrentamento e anestesia dessa "perda". No caso desse luto, Silva e Ulhôa (2015) trazem que o uso do álcool é um tipo de bálsamo para o desamparo causado pela perda de um objeto. O afastamento da realidade causada pela toxicomania seria uma maneira que o sujeito encontra para elaborar o seu processo de luto, além de manifestar a sua posição frente aos conflitos psíquicos relacionados à dor dessa perda que o sujeito está vivenciando (SILVA; ULHÔA, 2015).

Foi formada também a categoria **Problemas clínicos e psicossomáticos**, pois depois da saída dos filhos, a dimensão psicológica e orgânica sofre alterações devido a mudança no

sistema, onde o organismo busca por um equilíbrio e este é de alguma forma psico-neuro-imuno e endócrino. Esta categoria pode ser vista a partir do artigo 5 (BAUMGART; SANTOS, 2009, p. 95), que indica que “os sintomas podem apresentar-se na forma de divórcio e outros problemas clínicos ou psicológicos, gerando um sentimento de perda esmagadora”.

Os pais, no enfrentamento do que seja o ninho vazio, pais poderão se defrontar com problemas físicos, pois o corpo somatiza o psicológico e o sujeito acaba apresentando sintomas físicos. De acordo com Ávila (2012), através dos estudos psicanalíticos relacionados à psicossomática, tem-se evidências que as condições inconscientes decorrentes dos conflitos psíquicos que o sujeito está experienciando, refletem sobre as atividades corporais, e que dessa maneira, resultam no agravo de doenças e a sua manifestação no organismo.

Para além das condições psicossomáticas encontradas em pais resultantes de questões psicológicas, tem-se também a categoria **Sintomas depressivos**, pois o processo de saída dos filhos de casa pode resultar em um quadro depressivo. No artigo 1 (PATIAS; FONTINEL; JAEGER, 2012, p. 165), “o casal pode sentir-se deprimido diante do vazio que pode surgir a partir desse processo”. Já no artigo 6 (SARTORI; ZILBERMAN, 2009, p. 113), indicam que "nessa fase de declínio, também são observados sintomas de depressão, dependência e desestruturação familiar, como é o caso da assim chamada síndrome do ninho vazio”.

O luto seria a perda de um objeto diante de uma ruptura de uma pressuposta totalidade original, que faz parte da condição humana (COSER, 2003). Pode-se pensar que algumas das designações dessa fase de vida como “Síndrome do Ninho Vazio”, seria então um estado em que o sujeito se encontra em um processo lento e de grande sofrimento, podendo acabar perdurando por mais tempo (SARTORI; ZILBERMAN, 2009). Quando isso ocorre, a depressão, sendo pensada como patologia, aquela encontrada na Classificação Internacional de Doenças- CID-10 (1997), pode vir à cena.

Ainda que a depressão e alterações psicossomáticas estejam indicadas como decorrências do enfrentamento do “Ninho Vazio”, em linhas gerais, os conteúdos das referências estudadas sobre as decorrências desses processos, parece tratar-se de uma fase em que o sujeito lida com a “perda” da saída do filho de casa, mas que não chega a ser necessariamente a uma patologia, pois nota-se que é processo mais transitivo até que o sujeito passe a lidar e a aceitar a nova fase da sua vida. Ou seja, seria aqui uma passagem por um ciclo evolutivo na família, onde esse conceito de ciclo evolutivo ou crise evolutiva já foi discutido anteriormente. Essa depressão ligada ao “Ninho Vazio”, seria então descrita pelas autoras Esteves e Galvan (2006, p. 134) como “uma depressão normal ligada ao fato vivido, seja a perda material ou afetiva, e que com o passar do tempo viabiliza os estabelecidos novos vínculos, e com eles introjetando novos

objetos, possibilitando assim a elaboração desta forma de luto".

Neste capítulo, notou-se as diferentes decorrências e sintomas que pais vivenciam frente ao período de saída dos filhos de casa, sendo identificado que cada sistema experiência e lida com essa fase de maneiras diferentes. Com isso, tem-se como conflitiva a ideia do ninho vazio versos a ideia de síndrome do ninho vazio, que vão desde o sentimento de desrealização até o uso abusivo de álcool e sintomas depressivos, onde a intensidade e o período que esse sofrimento influi na utilização entre esses conceitos. O destaque que pode ser dado em relação a predominância do gênero feminino encontrados nos resultados desta pesquisa são explicados pela constatação de que as mulheres sofrem mais que os homens, em razão do papel histórico e social que são impostas para essas mulheres ainda hoje, onde devem criar e cuidar plenamente dos filhos, enquanto o pai não deveria exercer essa função de cuidado. Isso faz pensar a abordagem do desequilíbrio das funções de gênero na vida familiar por psicólogos que atendem famílias que enfrentam esse processo, o que também pode ser alvo de estudos sobre o quão tais fenômenos estão presentes na clínica de famílias.

3.3 EXERCÍCIO DAS FUNÇÕES PARENTAIS E DA RELAÇÃO CONJUGAL NO PROCESSO DE SAÍDA DOS FILHOS DE CASA

Neste capítulo, será apresentada a análise de categorias que estão relacionadas ao processo de parentalidade e conjugalidade após a saída dos filhos de casa. Na primeira categoria desse terceiro objetivo, tem-se o conceito de **Ressignificação das identidades dos pais**. No artigo 5 (BAUMGART; SANTOS, 2009, p. 94), as autoras pontuam que "[...] tanto o adolescente quanto os adultos (pais) estão na busca por novas identidades, novos significados existenciais e novos papéis, que serão achados e assumidos na vida pessoal e na entidade familiar". Já no livro 1 (OLIVEIRA; CERVENY, 2002, p. 99), as autoras possuem uma compreensão de que:

> Como resultado da elaboração do processo de "deixar partir", pais podem agora reconstruir padrões interacionais com os filhos e assumir novos papéis, construindo dessa forma um modo diferente de parentar. Pais e filhos, ambos adultos, podem compartilhar uma grande e intensa transformação na relação (p. 99).

Com essa mudança no sistema familiar, a família tenta se reorganizar e reequilibrar o sistema procurando por novos significados, identidades e novos papéis para que esse equilíbrio aconteça. De acordo com Calil (1987), a família se auto governa por meio de regras, no qual indicam o que é permitido e o que não. Dessa maneira, acontece o equilíbrio em volta do que fora consentido em relação a essas regras (CALIL, 1987).

Com a mudança referente aos papéis parentais, o relacionamento entre o casal também

sofrerá mudanças. Com isso, tem-se a segunda categoria sendo representada como **Reestruturação da conjugalidade**, visto que na percepção das autoras do livro 1 (OLIVEIRA; CERVENY, 2002, p. 102), "neste momento do ciclo de vida da família, os pais se verão novamente como um casal, dois indivíduos, duas individualidades, e poderão, assim como no início do casamento, voltarem-se para si". Já no livro 2 (CARBONE; COELHO, 1997, p. 114),

> Com todas as mudanças de papéis e a saída dos filhos de casa, parece sobrar mais tempo para ao menos lançar olhar para o casamento; além disso, como já citamos anteriormente, o casamento dos filhos provoca uma revisão nos valores do casal de meia-idade.

Com a saída dos filhos de casa, o casal pode adquirir um momento para que fortaleçam seus vínculos e tenham mais tempo para construir e efetivar planos futuros juntos. Carter e McGoldrick (1995) trazem que a relação conjugal passa a ter uma nova proeminência nessa nova fase de transição familiar. Muitas maneiras de um sistema familiar aparentam aumentar a necessidade de oferecer um foco e uma revisão para o estabelecimento do arranjo do casamento, refletindo novos formatos e possibilidades para o relacionamento (CARTER & MCGOLDRICK, 1995).

Carmona, Couto e Scorsolini-Comin (2014) discorrem também sobre a reestruturação da conjugalidade:

> Com a saída dos filhos, o casal tende a intensificar os seus vínculos, sendo o(a) companheiro(a) a principal referência em termos de cuidado, companhia e interação. Desse modo, a experiência da conjugalidade nessa fase do ciclo vital pode ser compreendida como um fator de proteção contra a solidão justamente pelo fato de o cônjuge oferecer uma escuta em momentos de maior fragilidade, pela divisão de tarefas, pelo apoio em situações de adoecimento e pelo compartilhamento de atividades (CARMONA; COUTO; SCORSOLINI-COMIN, 2014, p. 687).

Após a saída dos filhos de casa, o relacionamento entre pais e filhos passará a ter algumas modificações, podendo ser alterações que trazem a vinculação entre pais e filhos mesmo com uma certa distância, ou até a dificuldade dos pais em manterem uma interação com os filhos. A categoria **Mudança dos vínculos entre pais e filhos** designa isso, o que é encontrada no artigo 4 (CARVALHO-BARRETO; LIMA, 2013, p. 192), o qual traz a compreensão de Silveira e Wagner (2006), abordando que, "as posições paterna, materna e filial não findam, portanto, com a saída do filho, mas mudam brevemente na intensidade e na forma da constituição dos vínculos" (CARVALHO-BARRETO; LIMA, 2013, p. 192).

A intensidade e a forma dos vínculos se modificam na medida em que os filhos não irão ter mais contato próximo com tanta frequência quanto antes pelo fator da distância. Com a saída do filho de casa, pais e filhos poderão trocar experiências entre si em relação ao andamento da autonomia do filho, auxiliando nesse processo de ganho pessoal (FLEMING, 2005). Essa

vinculação entre pais e filhos durante essa nova fase de vida se mostra importante, pois na visão Fleming (2005), o desenvolvimento da autonomia do filho requer que se mantenha uma vinculação entre pais e filho para que o filho consiga se adaptar e sentir maior segurança nesse momento. Já para os pais, essa vinculação também é importante, pois eles percebem que o filho não saiu de suas vidas por completo (FLEMING, 2005).

Já a categoria **Ausência de apoio emocional de um dos cônjuges,** pode ser vista no artigo 5 (BAUMGART; SANTOS, 2009), como um tipo específico de efeito na conjugalidade em face da saída dos filhos de casa. As autoras retratam:

> O que se observa nestas famílias, é um perfil onde uma pessoa (com mais frequência a mãe) que depende dos filhos para o apoio emocional, não o recebe do marido, pois este assim não deseja ou não consegue investir mais no casamento conforme os filhos crescem (BAUMGART; SANTOS, 2009, p. 95).

Sem o apoio no subsistema casal, esse enfrentamento na fase do ninho vazio poderá ser mais difícil e até mais demorado para que o sujeito passe a aceitar esse estágio de "perda". E, de acordo com Santiago, *et al* (2020), o casal muitas vezes é afetado pela mudança no sistema familiar, podendo acarretar em divórcios nesse período de vida, sendo ainda um agravante a mais no enfrentamento para essa nova fase no casal e também pela de saída dos filhos de casa.

Foi possível identificar neste capítulo o exercício das funções parentais e relação conjugal durante o processo de saída dos filhos de casa, a partir das referências estudadas. Compreendeu-se com elas que alguns pais tiveram que ressignificar suas funções parentais com essa mudança no sistema familiar. Também foi necessário que pais reestruturassem seus papéis conjugais, pois com a saída dos filhos, é possível que pais voltem para o relacionamento e reflitam sobre o que poderá ser realizado em direção ao futuro. Essa ressignificação no papel conjugal é explicada por por Sampaio (2009), sendo que a díade-casal se refere a uma complexa unidade, com estrutura e regulada por laços, contendo o seu próprio funcionamento psíquico. Com isso, as decisões entre os parceiros, assim como o manejo desse relacionamento, estão estreitamente relacionadas aos estágios evolutivos do desenvolvimento emocional de cada cônjuge (SAMPAIO, 2009). E por fim, neste capítulo, foi possível perceber que a relação entre pais e filhos também muda, sendo que eles necessitam rever seus papéis e verem possibilidades de trocarem afetos, experiências de ganho pessoal em outra forma, já que os filhos não moram mais com eles.

2.4 PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DE PAIS ENVOLVIDOS NA FASE DE SAÍDA DOS FILHOS DE CASA

Neste capítulo, será apresentada a análise de categorias que abordam a relação entre ninho vazio e processos de envelhecimento de pais que puderam ser vistos nos artigos e livros. A primeira categoria desse quarto objetivo a ser apresentado se refere a **Busca de rede social entre o casal maduro.** Para que os pais enfrentaram esse momento de saída dos filhos com dificuldade amena, é importante que eles possuam uma rede de apoio próxima. Dessa forma, essa categoria é vista no livro 1 (OLIVEIRA; CERVENY, 2002, p. 115), sendo que:

> O relacionamento externo da família enquanto sistema aberto também é que pode se transformar na fase madura. Além de consolidar antigas amizades, o casal pode também ampliar a rede social, à medida que passa a ter contato com a família dos agregados (genros e noras), assim como pode fazer novas amizades nos novos grupos que eventualmente começa a participar, quando se envolve em atividades diferenciadas (p. 115).

Já a abordagem do casal aqui colocada, a busca de redes possibilita que o casal se fortaleça e consiga vivenciar esse momento de forma mais leve, sabendo que essa dificuldade em ver o filho sair de casa também podem ser vivenciados por outros pais. De acordo com Juliano e Yunes (2014), as redes sociais possibilitam que as pessoas se fortaleçam entre si e concebem resiliência nesse grupo de pessoas por meio da construção de empoderamento, além da busca por soluções pensadas em conjunto e as trocas de experiências que cada indivíduo está enfrentando. Desse modo, "há que se pensar nas possibilidades de promoção de resiliência individual e comunitária que podem ser geradoras de transformação social a partir da implementação de redes de apoio" (JULIANO; YUNES, 2014, p. 136).

A segunda categoria apresentada é denominada como **Realização da vida do casal** encontrada do artigo 5 (BAUMGART; SANTOS, 2009, p. 94). As autoras trazem que:

> O espaço entre 40 e 60 anos, a meia-idade, é um período em que ocorre a transição do adulto maduro para o de meia-idade, no qual os pais realizam uma reavaliação da vida até o momento e buscam saber se seus sonhos condizem com a atual realidade, verificam as conquistas e medem as satisfações adquiridas até então (BAUMGART; SANTOS, 2009, p. 94).

Nessa reavaliação de vida, o adulto de meia-idade poderá ter satisfações com suas conquistas adquiridas ou insatisfações. No momento do ninho vazio, é revista a satisfação da vida dos pais, na qual é colocada em jogo os seus futuros e o que se pretende fazer a partir daquele momento. Na visão de Norgren, *et al* (2004), para que o casal permaneça junto mesmo com essas mudanças de ciclo de vida, é importante que o casal ofereça um investimento mútuo, além de encontrar um equilíbrio entre a individualidade e a conjugalidade, compartilhando interesses e procurando sair da rotina quando possível.

Neste capítulo foi aprofundado sobre alguns processos relacionados ao envelhecimento que embatem com o período de saída do filho de casa, gerando um sofrimento de maior

gravidade por conta desses dois fatores. Percebeu-se, que em sua grande parte, os filhos começam a sair de suas casas quando muitas mulheres se veem em projetos sociais, sendo um fator estressor que pode agravar o trabalho de enfrentamento para esse momento da vida. Porém, o casal em si também poderá sofrer com a mudança no casamento, tendo que buscar avaliação sobre o que foi conquistado e o que será feito daqui a frente. Para isso, como é visto em algumas categorias, é imprescindível o papel da família e de redes sociais de apoio para que esses pais de meia idade ou idosos passem pelo período de aceitação o mais rápido e sofra em menor gravidade, para que não gere uma condição de solidão, problemas físicos e até a utilização de álcool como estratégia de enfrentamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta presente pesquisa, foi possível caracterizar os fenômenos relacionados à saída dos filhos de casa (ninho vazio) em referenciais teóricos fundamentais elaborados a partir da perspectiva sistêmica, já que sobretudo a sistêmica utiliza-se desse termo para aprofundar sobre essa decorrência familiar que é vista ainda presente em alguns contextos familiares.

Em uma primeira tarefa, identificou-se os aportes teóricos que apoiam a compreensão de ninho vazio, quando pôde-se perceber que as teorias relacionadas trazem a necessidade do sistema se organizar quando ocorre uma alteração no sistema, dando exemplo a saída dos filhos de casa. Algo que entra em discussão é referente ao momento de ninho vazio ser uma etapa evolutiva em que o sistema se encontra, não sendo uma mera patologia, como foi percebido em alguns estudos, pois nota-se que cada mãe e pai vive essa etapa de maneiras diferentes. Tendo esse entendimento, fica claro que cada família possui outras decorrências junto com o momento de saída do filho de casa, dando exemplo às conflitivas entre pais e filhos, incluindo a etapa evolutiva que os pais e filhos se encontram.

A respeito das decorrências para os pais em face do ninho vazio como condição de sofrimento, foram observados não só sintomas físicos presentes em pais após a saída dos filhos de casa, mas também outras decorrências juntamente com essa alteração no sistema. Com isso, é interessante observar outras conjunturas que poderão elucidar a vivência a e intensidade sentidas por pais com a saída dos filhos, tal como, a intensidade que eles assumem os papéis parentais e cuidados oferecidos frente a criação dos filhos, já que esses cuidados influem no processo de construção da parentalidade desses pais. Além disso, também deve-se observar o significado que os pais atribuem no processo de parentalidade. Através desse ponto, mostra-se a importância de dar atenção à subjetividade de cada mãe e pai nesse momento de vida, pois esses pais possuem uma bagagem com suas próprias vivências, incluindo seus próprios

contextos sociais e culturais. Com isso, cada pai e mãe terão uma reação diferente com a saída dos filhos de casa, sendo ela manifestando menor ou maior dificuldade.

Em relação aos exercícios das funções parentais ligadas ao processo de saída dos filhos de casa, identificou-se o processo de mudanças na relação entre pais e filhos, tendo a necessidade do sistema procurar por outras formas de relações possíveis para que as trocas e vínculos ainda aconteçam. Pois, mesmo que o filho necessite ter uma autonomia nessa nova fase de vida, é importante que pais e filhos ainda mantenham contato próximo. Ademais, algo que foi altamente observado nas referências é uma predominância de sofrimento nas mulheres com a saída dos filhos de casa, tendo a necessidade de a sociedade rever o papel do pai como importante nesse entorno, pois o papel paterno e o materno devem possuir uma certa proporção sobre a criação dos filhos, em que não somente a mãe que deve se dispor e se doar para a criação dos filhos. Tais questões precisam ser tocadas, pois dessa forma, possibilita que os sujeitos passem a ter uma perspectiva diferente sobre a parentalidade e sobre si mesmos.

Tendo em vista que mulheres sofrem mais que homens com a saída dos filhos de casa, surge a necessidade de maiores discussões do campo referente à clínica sistêmica sobre gênero, de modo que seja fornecido uma aproximação frente às funções de gênero na vivência familiar, onde psicólogos que atendem famílias revejam como ocorre esse processo. Sendo assim, tem-se como sugestão a realização de pesquisas para esse entorno, de maneira que seja colocado em foco a maneira em que tais fenômenos são existentes na clínica de famílias.

Outro tópico importante estudado foi identificar os processos de envelhecimento dos pais que se encontram envolvidos na compreensão da saída dos filhos de casa. Com isso, foi identificado a importância de pais buscarem apoio de rede social nesse momento, pois traz um fortalecimento, além de promover um entendimento que esse momento é necessário e importante tanto para os filhos como para eles, prosseguindo com novas direções e novas possibilidades.

Diante disso, foi possível alcançar os objetivos desta pesquisa, onde a aproximação com essa temática proporcionou a dificuldade em encontrar aparatos teóricos que aprofundam sobre o sofrimento de pais com a saída dos filhos de casa, tendo-se uma maior discussão em pesquisas estrangeiras e poucas teorias sobre a temática no Brasil.

Por outro lado, uma última consideração que mostra a importância de novas pesquisas diz sobre como se faz presente o ninho vazio e os seus significados, demonstrando muitas vezes ser um discurso do senso comum. Contudo, os dados da pesquisa mostram que não se trata de um fenômeno simples, visto que é um momento de mudanças vivenciados por pais, tendo mais ou menos sofrimento de acordo com variáveis, sendo elas possíveis de serem aprofundadas em

pesquisas.

REFERÊNCIAS

AOYAMA, Elisângela de Andrade, et al. Aspectos epidemiológicos da síndrome do ninho vazio como agravante aos riscos de depressão. ReBIS, 1(2):46-52, 2019. Disponível em: <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/26>. Acesso em: 29 maio 2021.

ARAÚJO, Isabel; PAÚL, Constância; MARTINS, Manuela. Famílias cuidadoras de idosos: estrutura e desenvolvimento. Cienc Cuid Saude, p. 452-458, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/9754/pdf>.Acesso em: 02 abr 2021.

ARIÈS, Phillippe. História social da criança e da família. Guanabara: Rio de Janeiro, ed. 2, 1986. Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod_resource/content/2/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia_text.pdf>. Acesso em: 08 abr 2021.

ÁVILA, Lazslo Antonio. O corpo, a subjetividade e a psicossomática. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 44, p. 51-69, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v44n1/v44n1a04.pdf>. Acesso em: 5 set 2021.

AZEVEDO, Luciana J. C. As transformações da família. P. 1-9, 2015. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0934.pdf>. Acesso em: 04 maio 2021.

BAUMGART, Janaína Andréia da Rosa; SANTOS, Diana Leonhardt dos. Síndrome do ninho vazio temporária: possíveis considerações. Pensando famílias, v. 13, p.93-101, 2009.

BARBER, Clifton E. Transition to the empty nest. In: Bahr SJ, Peterson ET. Aging and the Family, p. 15-32, 1989. Disponível em: <https://www.academia.edu/38313561/Barber_Transition_to_the_empty_nest_Chapt_1_Bahr_Peterson_Aging_and_the_Family>. Acesso em: 27 mar 2021.

BEZERRA, Marcíllia Poncyana Félix. Sobre corpos do mundo real: a mulher para além da maternidade, 2018. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conages/2018/TRABALHO_EV112_MD1_SA8_ID206_10052018205817.pdf>. Acesso em: 19 out 2021.

BROWN, F. H. (2001). A família pós-divórcio. In B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar (pp. 321- 343). Porto Alegre: Artes Médicas.

BRUSCHINI, M. C. A. Teoria Crítica da Família. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA,. V. N. A (Orgs). **Infância e violência doméstica: as fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, p. 49-79, 2000.

CACCIACARRO, Mariana Filippini; MACEDO, Rosa Maria Stefanini de. A família contemporânea e seus valores: um olhar para a compreensão parental. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 381-401, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v24n2/v24n2a02.pdf>. Acesso em: 15 out 2021.

CALIL, Vera L. Lamanno. Terapia familiar e de casal. Summus editorial, ed. 7, 1987. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=fBqm06WROSQC&oi=fnd&pg=PA15&dq=livro+sistemica+familiar+pdf&ots=HzTn5_sKiH&sig=h_ta35JkX0ZplPB6IRjkww6ehgg#v=onepage&q&f=true>. Acesso em: 29 maio 2021.

CARBONE; Adriana; COELHO, Maria Renata Machado. A família em fase madura. In: CERVENY, Cenaide Maria Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Meracadante. Esper. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. Disponível em:<https://www.passeidireto.com/arquivo/10882366/ciclo-vital-nossa-realidade-em-pesquisa>. Acesso em: 20 set 2021.

CARMONA, Cecília Fernandes; COUTO, Vilma Valéria Dias. A experiência de solidão e a rede de apoio social de idosas. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 19, n. 4 p. 681-691, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/W5W7z7fZpqQwYCPwCJRMxJH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 out 2021.

CARTER, B. & MCGOLDRICK, As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CARVALHO-BARRETO; André de; LIMA, Karine Suelanne Silva de. Transição da pós-parentalidade no contexto do sertão cearense. Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol. 25, n.11, p. 181-196, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v25n2/v25n2a11.pdf>. Acesso em: 10 abr 2021.

CERVENY, Cenaide Maria Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Meracadante. Esper. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/10882366/ciclo-vital-nossa-realidade-em-pesquisa>. Acesso em: 20 set 2021.

CID-10. Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas - Coord, Organiz. Mund. da Saúde, trad. Dorgival Caetano, Porto Alegre: Artmed, 1993. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/vc8x81>. Acesso em: 16 nov 2021.

COUTINHO, Maria Teresa Brandão. Apoio à família e formação parental. Análise Psicológica, p.55-64, 2004. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/129/pdf>. Acesso em: 01 nov 2021.

COSER, Orlando. Depressão: clínica, crítica e ética. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. 170 p. Coleção Loucura & Civilização, Available from SciELO Books. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/6gsm7/pdf/coser-9788575412558.pdf>. Acesso em: 02 out 2021.

COSTA, Iluska Pinto da, *et al*. Aspectos relacionados ao abuso e dependência de álcool por idosos. Rev enferm UFPE on line., Recife, 11(6), p. 2323-8, 2017. Disponível em:<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/23394/19050>. Acesso em: 22 out 2021.

COSTA VBS; BULHÕES CSG; NAGASHIMA AMS. "Quando os pássaros voam": a família em momento de "ninho vazio". Rev. Enferm. UFSM., v.10, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/36601/pdf>. Acesso em: 7 mar 2021.

DESSEN, M. A.; SILVA, N. Abreu e. Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 16, n. 3, p. 191-292, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/LmzTXxMWfpK454JhCd6Lzzf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 out 2021.

DIAS, Maria Olívia. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: o processo de comunicação no sistema familiar. Gestão e Desenvolvimento, p. 139-156, 2011. Disponível em:<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9176/1/gestaodesenvolvimento19_139.pdf> . Acesso em: 20 mar 2021.

ESTEVES, Fernanda Cavalcante; GALVAN, Alda Luiza. Depressão numa contextualização contemporânea. Aletheia, n.24, p.127-135, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n24/n24a12.pdf>. Acesso em: 02 out 2021.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Terapia familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. Psicologia, ciência e profissão, p. 38-42, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v16n1/07.pdf>. Acesso em: 23 abr 2021.

FLEMING, Manuela. A saída de casa: a separação da família na pós-adolescência, CEPESE: Porto, p. 59-81, 2005. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/estudos-e-ensaios-em-homenagem-a-eurico-figueiredo/a-saida-de-casa-a-separacao-da-familia-na-pos-adolescencia>. Acesso em: 15 mar 2021.

FONSECA, Cláudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. Saúde e Sociedade, v.14, n.2, p.50-59, 2005.

GIL, A. Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, ed.4, 2002.

GOMES, Luciana Araújo; MEIS, Carla; MARQUES, Valéria. Menopausa, ninho vazio e subjetividade feminina: relato de um atendimento numa enfermaria. Psicologia Hospitalar, 12 (1), p. 2-25, 2014. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v12n1/v12n1a02.pdf>. Acesso em: 7 mar 2021.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Editora Vozes: Petrópolis, ed.21, p.67-80, 2002. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/1%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico/MTC%2002%20e%2005_Pesquisa%20social.pdf>. Acesso em: 09 nov 2021.

HORTA, Ana Lúcia de Moraes; FERNANDES, Hugo. Família e crise: contribuições do pensamento sistêmico para o cuidado familiar. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/nLh7HsjqYStJZvV3MwR97bb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 out 2021.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Angela Mattar. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. Ambiente & Sociedade: São Paulo v. XVII, n. 3, p. 135-154, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/BxDVLkfcGQLGXVwnHp63HMH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 out 2021.

KEHL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. Artigos e ensaios, 2003.

LAHM-VIEIRA, Camila Roberta; BOECKEL, Mariana Gonçalves. (Qua)lidade de vida: intervenção psicológica junto à grupo da terceira idade. Estud. interdiscipl. envelhec., Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 183-199, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/22410/23195>. Acesso em: 2 abr 2021.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?lang=pt format=pdf>. Acesso em: 07 nov 2021.

MCCULLOUGH, P. G.; RUTENBERG, S. K. Lançando os filhos e seguindo em frente. In B. Carter, & M. McGoldrick As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MCGOLDRICK, Monica. As mulheres e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, Betty & McGoldrick, Monica (Orgs). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, ed. 2, p. 29-64, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Editora Vozes: Petrópolis, ed.21, p. 9-29, 2002. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/1%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico/MTC%2002%20e%2005_Pesquisa%20social.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.

MINUCHIN, Salvador. Um modelo familiar. In: Famílias: funcionamento & tratamento. Artes médicas: Porto Alegre,p. 52-69, 1982. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/30604898/familias-funcionamento-e-tratamento>. Acesso em: 14 abr 2021.

PATIAS, Naiara Dapieve; FONTINEL, Michele Ineu; JAEGER, Fernanda Pires. Quando os filhos saem de casa e o ninho fica vazio: a visão do casal sobre o fenômeno. Pensando Famílias, 16(1), p.163-176, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/275337037_Quando_os_Filhos_Saem_de_Casa_e_o_Ninho_Fica_Vazio_A_Visao_do_Casal_Sobre_o_Fenomeno>. Acesso em: 30 mar 20121.

NORGREN, Maria de Betânia Paes, *et al*. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. Estudos de Psicologia, 9(3), p. 575-584, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/tmgYrgwvfnCmhfPHJWbjfrh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 out 2021.

OLIVEIRA, Adriana Leonidas de; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. Visitando a fase madura. In: CERVENY, Cenaide Maria Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Meracadante (2002). **Visitando a família ao longo do ciclo vital.** São Paulo: Casa do Psicólogo. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/en0111e>. Acesso em: 20 set 2021.

PEREIRA, Melina Miranda de Brito Silva. A pessoa idosa e a síndrome do ninho vazio, Anais VI CIEH, 2019. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/53061>. Acesso em: 30 maio 2021.

RECH, Terezinha. A circularidade sistêmica na escuta clínica. In: MACEDO, Mônica M. Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli, (ORGS). (Con)textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=6hTTRXkJ3z8C&oi=fnd&pg=PA145&dq=CIRCULARIDADE+SISTEMICA+PDF&ots=ai7xsH9fUW&sig=lGgZzcviv60vbd0iqGgzQP6fI2g#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 17 nov 2021.

RELVAS, Ana Paula. A vida da família, p. 9-31. In: **O ciclo vital da família: perspectiva sistêmica. Afrontamento:** Porto, 2000. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x558ne>. Acesso em: 14 abr 2021.

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009. Disponível em: <https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v30_n2_2009_art_01.pdf >. Acesso em: 15 nov 2021.

SANTIAGO, Daniela Emilena, et al. A síndrome do ninho vazio: reflexões e aproximações teóricas ao conceito. Intr@ciência- revista científica, p. 1-9, 2020. Disponível em:<https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20201125002909.pdf>. Acesso em: 04 jun 2021.

SARTORI, Adriana A. C. R.; ZILBERMAN, Monica L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. Rev Psiq Clín.;36(3): p.112-121, 2009. Disponível em:<https://www.scielo.br/pdf/rpc/v36n3/v36n3a05.pdf>. Acesso em: 7 mar 2021.

SILVA, Iara Silva; ROHDE, Liliane Antunes. Estilos de vida dos arranjos familiares: DINC (dupla renda, nenhuma criança) *versus* ninho vazio. ESTUDO & DEBATE, Lajeado, v. 22, n. 1, p. 143-159, 2015. ISSN 1983-036X. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/viewFile/636/626>. Acesso em: 24 ago 2021.

SILVA, Michelle Karina; ULHÔA, Arthur Pizani. A construção do caso clínico na prática hospitalar: algumas reflexões sobre luto e toxicomania. Psicologia: Ciência e Profissão, p. 503-514, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/wgM3Z5Z4TCfvWvvCBKFW83s/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 1 out 2021.

SILVEIRA, Paula Grazziotin; WAGNER, Adriana. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. Estudos de Psicologia I Campinas I 23(4), p. 441-453, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/vXtGxyg9YJzPxMyjLjkHFBr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 out 2021.

SIMIONATO, Marlene Aparecida Wischral; OLIVEIRA, Raquel Gusmão. Funções e transformações da família ao longo da história. I Encontro Paranaense de Psicopedagogia: ABPppr, p. 57-66, 2003. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10929157-Funcoes-e-transformacoes-da-familia-ao-longo-da-historia.html>. Acesso em: 20 mar 2021.

VIRGOLINO, Fernando Silvio de Souza, et al. A mudança no ciclo familiar diante da síndrome do ninho vazio: uma revisão. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 10, n. 1, p. 456-464, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/945> Acesso em: 29 maio 2021.

WENDLING, Maria Isabel; WAGNER, Adriana. Saindo da casa dos pais: a construção de uma nova identidade familiar. In: **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares.** ediPUCRS: Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=EIrxCAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA123&dq=pais+e+ninho+vazio+&ots=Myob2xnick&sig=Nb4C7GeYJDnAh_JYyxB3HxIJgcg#v=onepage&q=pais%20e%20ninho%20vazio&f=false>. Acesso em: 20 mar 2021.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v.42.2, p. 453-470, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>. Acesso em: 15 out 2021.